

ECONOMIA SOLIDÁRIA E GÊNERO: OLHARES SOBRE O DESENVOLVIMENTO LOCAL NAS CIDADES DE MIRACEMA DO TOCANTINS E TOCANTÍNIA

Carina Géssika Irineu do Monte¹

Resumo: O artigo busca analisar os princípios da Economia Solidária percebidos e vivenciados por um grupo de mulheres como uma possível contribuição para o desenvolvimento local. Resultado de uma pesquisa aplicada, explicativa e qualitativa, o estudo também contou com procedimentos técnicos de revisão bibliográfica e aplicação de entrevistas semi estruturadas com mulheres (maioria pescadoras) do empreendimento solidário das “Pescadoras Guerreiras da COPEMITO”, grupo originado a partir da Associação Colônia de Pescadores/as Profissionais Artesanais Z-16 de Miracema e Tocantínia- TO- COPEMITO. O estudo traz um resgate histórico da construção do empreendimento solidário, das discussões e atividades desempenhadas, e aponta os principais desafios percebidos pelas mulheres. A pesquisa indicou que a organização social, com base nos princípios da Economia Solidária fortalece o grupo e traz para e entre as participantes: confiança, respeito, solidariedade, decisões democráticas, desafios, valorização das atividades realizadas por elas. As considerações finais sinalizam que, mesmo que as atividades ainda sejam incipientes para que se promova um desenvolvimento local, importantes passos já foram iniciados a fim de mobilizar, cooperar e fortalecer um grupo de mulheres protagonistas em seu território.

Palavras-chave: Economia Solidária; Desenvolvimento Local; Organização Social de Mulheres.

A economia solidária, historicamente, vem se constituindo como uma alternativa de organização de trabalhadores e trabalhadoras na esfera econômica de produção dos seus meios de vida, a partir de inúmeras formas de organizações e iniciativas coletivas (UCHÔA, Raquel, et. al. 2012).

No Brasil, várias discussões sobre a Economia Solidária surgiu por iniciativas construídas a partir dos anos 90, com a implementação das políticas neoliberais, no qual a realidade foi marcada pela redução de investimentos públicos nas políticas sociais, liberação das importações, modernização tecnológica, e como consequência gerou o desemprego (FARIA, 2011).

Para Raquel Uchôa *et al.* (2012), no final do século XX, com a globalização e a reestruturação produtiva sobre as relações de trabalho, excluíram ainda mais os trabalhadores e trabalhadoras da esfera produtiva econômica; sendo assim impulsionados a encontrarem alternativas de geração de renda e trabalho, seja individualmente, ou coletivamente através de base popular e comunitária- compreendendo processos de re-significações e busca de princípios e práticas que compõe os movimentos sociais, como: cotidiano de trabalho de homens e mulheres, e contra a opressão do capital.

¹ Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins, Palmas/TO- Brasil.

A noção capitalista de trabalho, a partir da chamada divisão sexual do trabalho, historicamente, incorporou as atividades produtivas realizadas pelas mulheres como extensão do trabalho doméstico. Para Cecília Sardenberg e Márcia Macedo (2008, p.4) o gênero além de legitimar e organizar a divisão sexual do trabalho, também estabelece:

[...] a divisão sexual de direitos e responsabilidades, o acesso e controle sexualmente diferenciado a oportunidades de trabalho, bem como a instrumentos e meios de produção, recursos e fontes de renda e crédito, capital, conhecimentos, educação, instâncias decisórias, etc.

Neste sentido, cabe salientar que, ao abordar o conceito de trabalho na Economia Solidária é necessário ampliar a visão das esferas produtivas e reprodutivas de forma separada, pelo contrário, elas são esferas articuladas².

E neste sentido, os princípios e práticas da Economia Solidária foram se modelando na priorização do bem estar das pessoas; na equidade; na criação de estratégias nas resoluções coletivas de demandas; valorização do ser humano; Cooperação; Democracia; Respeito à natureza; Solidariedade e Promoção da dignidade. Sendo assim, são considerados empreendimentos solidários qualquer união de pessoas que pratiquem alguns desses princípios, e se organizem em as associações, cooperativas, sociedade de mercado, redes, centrais, clubes de trocas ou grupos informais.

O estudo de Míriam Nobre (2003) destaca a importância de saber quem está à frente dos empreendimentos populares, e apontar suas experiências na sociedade (onde estas são marcadas pelas relações de classe, gênero, raça/etnia), na busca de compreender como as alternativas são pensadas a partir dos desafios vivenciados. Ainda de acordo com a autora supracitada, o debate das mulheres e de gênero nos espaços da economia solidária ainda é pequeno, assim como a falta de sistematizações das experiências vividas por elas.

Diante desse contexto, este artigo visa analisar **as experiências e princípios da Economia Solidária percebidos e vivenciados por um grupo de mulheres em Miracema do Tocantins como uma possível contribuição para o desenvolvimento local?**

² Documento da V Plenária Nacional de Economia Solidária.

A ideia desta pesquisa surgiu a partir da experiência da pesquisadora, enquanto extensionista rural³ (bacharela em Economia Doméstica⁴) do Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RURALTINS), com o grupo informal de mulheres, originado a partir da associação Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais Z-16 de Miracema do Tocantins⁵ e Tocantínia- TO (COPEMITO).

Neste sentido, os dados expostos neste artigo foram coletados no período de maio de 2015 a dezembro de 2016, durante reuniões, oficinas e diagnósticos realizados na captação de informações sobre o grupo de mulheres; a partir do assessoramento do órgão Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural. Além dos **registros documentais** durante as atividades, **pesquisa bibliográfica** também foi utilizada (a partir de levantamentos realizados por outros estudos, referentes aos temas relacionados com a pesquisa). Para além destes, foi aplicado também oito **roteiros de entrevistas semi estruturadas**⁶ com participantes do empreendimento⁷, visando colher informações acerca da: importância do grupo; atividades realizadas, desafios vivenciados, experiências compartilhadas, e princípios vividos em torno da economia solidária. Dessa forma, a abordagem do problema se deu com base na pesquisa **qualitativa** de modo que o foco não é representado por números, mas pelo aprofundamento da compreensão da realidade (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Neste sentido, o **público alvo** investigado foi um empreendimento solidário constituído por 19 mulheres, em sua maioria pescadoras, moradoras de Miracema do Tocantins e Tocantínia. Cabe destacar que, o enfoque da pesquisa se deu majoritariamente no município de Miracema do Tocantins, devido as ações, eventos e reuniões ocorrerem nesta localidade, apesar de haver participante também da cidade de Tocantínia-TO, município que faz divisa com Miracema do Tocantins.

³ Profissional de “*Serviço de educação não formal, de caráter continuado, no meio rural, que promove processos de gestão, produção, beneficiamento e comercialização das atividades e dos serviços agropecuários e não agropecuários, inclusive das atividades agroextrativistas, florestais e artesanais*”, conforme descreve a Lei de nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010.

⁴ Pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- o Curso está inserido na área das Ciências Sociais Aplicadas, o/a profissional em Economia Doméstica pode atuar em três áreas de conhecimento: Alimentação, nutrição e saúde; Arte, habitação e vestuário e Desenvolvimento humano.

⁵ Município localizado a 80 km da capital do Tocantins- Palmas.

⁶ Tem como foco obter maiores detalhamentos do assunto a ser investigado, com questões previamente elaboradas, onde no decorrer da entrevista outras perguntas podem ser realizadas, o que torna um contexto muito parecido ao de uma conversa informal, afirmam Valdete Boni e Sílvia Quaresma (2005).

⁷ Os nomes das entrevistas foram substituídos por nomes de flores, de modo a preservar a identidade de cada uma no grupo.

O município de Miracema do Tocantins foi a primeira capital do Estado do Tocantins, localizado a 80 km de Palmas (atual capital do Tocantins). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a população era de 20.684 habitantes e a densidade demográfica de 7,8 hab/km². A economia é baseada principalmente no comércio varejista e agropecuário, e no período de julho a temporada de praia de rio é forte na região, além de abrigar uma das maiores festas do Tocantins- o carnaval fora de época- Miracaxi.

Origem e atividades do empreendimento de mulheres

A Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais Z-16 de Miracema do Tocantins e Tocantínia- TO (COPEMITO) é uma organização sem fins lucrativos, originada em 2004, com o intuito inicial de regularização legal do exercício dos pescadores e pescadoras (MENDES, 2016). Atualmente conta com aproximadamente 100 (cem) associados/as, sendo 19 mulheres com idades entre 32 a 65 anos.

Com o decorrer de sua criação, os/as participantes (pescadores e pescadoras) passaram a se preocupar-se com a promoção da convivência no coletivo, participação cidadã, formações e estimulação do protagonismo dos pescadores/as. Neste sentido, a partir de 2010, a COPEMITO enfatizou sua luta, e organizou seus trabalhos anuais como: limpeza as margens do rio Tocantins em Miracema do Tocantins e Tocantínia (no início e fim da Piracema⁸); festa em comemoração ao dia do/a pescador/a (29 de junho); promoção de eventos a fim de incentivar o consumo do pescado; ações estas que tem feito parte do calendário da população miracemense, contribuindo para o desenvolvimento local da região e integrando a comunidade nas atividades relacionadas ao meio ambiente, cultura, gastronomia e saúde.

Entretanto, foi em 08 de março de 2014, em comemoração ao dia Internacional da Mulher, que as mulheres participantes da colônia de pescadores/as, se reuniram e convocaram uma reunião para refletir sobre a luta das mulheres, e em específico as delas- de pescadoras, principalmente no desejo de pescarem de forma autônoma, sem a necessidade de seus companheiros acompanharem, fato este em que elas se sentiam coadjuvantes no momento da pesca. Contudo, foi em maio de 2015, com o convite das representantes da Federação dos Trabalhadores do Estado do Tocantins (FETAET) para a Marcha

⁸ Piracema - É o movimento dos cardumes de peixe que nadam rio acima, contra a correnteza, para realizar a desova no período de reprodução. A palavra vem do tupi e significa algo como "saída de peixes".
<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-a-piracema>

das Margaridas que o empreendimento informal de mulheres iniciou suas reuniões mensais com o intuito de criar estratégias para consolidação de sua ida a Brasília em agosto de 2015.

Nesse sentido, a origem do grupo de mulheres iniciou a partir da demanda de espaços para o compartilhamento de conversas e experiências entre elas, assim como a necessidade de gerar renda visando adquirir seus equipamentos e utensílios para pesca. Dentre as ideias iniciais, as trocas de conhecimentos, como culinária e artesanato, estimulou a criação do grupo em março de 2014. Dentro dessa perspectiva, os estudos de Mirian Nobre (2003) corroboram com o achado ao afirmar que, dentre os mais diversos tipos de empreendimentos solidários, as origens dos grupos auto organizados surgem das mais variadas razões: geração de renda; grupos que assumem empresas falidas; de assessoria; entre outros.

Dentre as atividades realizadas exclusivamente pelo empreendimento de mulheres estão a: participação em feiras, cursos e eventos voltado para o fortalecimento das mulheres; reuniões mensais que articulam e planejam estratégias e iniciativas na busca de recursos e geração de renda para o grupo.

As reuniões mensais proporcionam disponibilidade de tempo para planejar estratégias coletivas na busca de recursos e equipamentos, objetivando gerar renda; confraternizar com o grupo; conversar; trocar ideias, planos e informações; compartilhar experiências, sonhos e planos.

Caracterização das mulheres entrevistadas e do grupo

A partir dos oito depoimentos registrados, ponderou-se o seguinte perfil socioeconômico:

- ✓ A idade variou de 32 a 64 anos;
- ✓ Sobre grau de escolaridade, apenas duas concluíram o ensino médio, e uma delas concluiu o Ensino Superior; as outras seis não concluíram os estudos (três delas interromperam no ensino médio, e três no fundamental). Neste sentido, os estudos de Cynthia Miranda e Milena Barroso (2015) destacam que a região Norte é a que mais tem enfrentado barreiras no acesso aos direitos sociais básicos, em particular, das mulheres, como: educação, serviços públicos ou trabalho, quando comparados com as Regiões Sul e Sudeste.
- ✓ Sobre o estado civil das entrevistadas, seis informaram ser casadas, uma solteira e uma viúva.
- ✓ A renda familiar variou de um salário e meio a três salários, contudo, as famílias que obtinham maiores rendas, o número de membros também era maior.
- ✓ Das oito entrevistadas, sete se reconhecem como pescadoras, a outra vive da renda da aposentadoria e contribui com o grupo como **educadora social**; Entretanto, cinco das sete

afirmam ter outros trabalhos/“bicos”, pois argumentam dificuldades de sobreviverem apenas com a renda da pesca. Dessa forma, as rendas extras são oriundas de faxinas, venda de bolos e salgados na porta de casa, pequeno comércio na residência, entre outros. Fato este também encontrado nos estudos de Soraya Mendes (2016)⁹ com as mulheres da COPEMITO, ao afirmar que a renda oriunda da pesca não garante o provimento das necessidades diárias da família.

Os dados acima descritos dialogam com a pesquisa de Cynthia Miranda e Milena Barroso (2015) ao expressar que as mulheres da Região Norte enfrentam constantemente problemas oriundos da feminização da pobreza, péssimas condições de trabalho, altos índices de violência, do acesso limitado a qualificação, condições insatisfatória dos serviços de saúde, dentre outros.

Princípios da Economia Solidária: Percepção das pescadoras

A Economia Solidária para Paul Singer (2008) pode ser entendida como um modo de produzir coletivamente, com características marcadas, principalmente, pela igualdade de direitos.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho, aponta alguns princípios importantes da Economia Solidária: 1- **cooperação**: que visa compartilhar trabalho, resultados, capacidades, unir forças e evitar a competição; 2- **autogestão**: que se refere à gestão do empreendimento, ou seja, as decisões são tomadas pelos próprios participantes de forma democrática; 3- **ação econômica**; que tem como perspectivas iniciativas de produção, comercialização, trocas, consumo, crédito, prestação de serviços, sem ignorar os princípios anteriores; 4- **Solidariedade**: este princípio parte de uma preocupação com os/as participantes do empreendimento solidário, com a sociedade, com o meio ambiente, com o desenvolvimento sustentável.

Neste sentido, quando perguntadas sobre o princípio **da autogestão do empreendimento**, apenas uma afirmou que acredita que deve melhorar, pois para ela “*As decisões são tomadas e apenas é demonstrado, pra parecer que é democrática, e se alguém não concordam ficam com chateadas*” (Gardênia). Entretanto, as outras sete entrevistadas informaram que as decisões são tomadas pelo grupo, quando é preciso definir algo com urgência e não possível reunir todas, pelo menos a maioria é comunicada para que elas possam tomar as devidas providências, o que consideraram muito positivo; Esse princípio foi unânime entre as entrevistadas em admiração, aceitabilidade e concordância.

⁹ Saber mais: Dissertação de mestrado: (In)visibilidade das mulheres na pesca artesanal: Uma análise sobre as questões de gênero na colônia de pescadores e pescadoras z-16 em Miracema do Tocantins/TO.

O **princípio do cooperativismo** é vivenciado por algumas delas. Dessa forma, é ousado e pertinente afirmar, a partir das observações realizadas, que a existência do empreendimento de mulheres, só permanece devido à liderança de duas delas, sendo essas caracterizadas como educadoras sociais. Este fato também foi afirmado por uma delas numa oficina realizada em dezembro de 2016, ao recortar uma imagem de uma formiga levando um elefante, assim a mesma argumentou que o grupo era carregado por duas mulheres, e era preciso que todas tivessem compromisso e dividissem as tarefas, de modo que essas duas formigas (representada na imagem e na fala da pescadora) não se sobrecarregassem.

O **princípio da ação econômica** foi uma das dificuldades mais comentadas pelas pescadoras, no sentido de afirmar que elas não se reúnem para realizar eventos em conjunto (em todo o processo de organização, produção e comercialização); de modo que cada uma faz os seus, e se vender ou não, o lucro ou prejuízo é de cada uma delas, afirmam. Ou seja, **apenas o planejamento e a organização dos eventos são realizadas no coletivo**, características essas tão presentes e enfatizadas em nossa sociedade capitalista.

Outro princípio indagado por elas foi o da **Solidariedade**: A maioria das entrevistadas argumentou que o espírito solidário ocorre entre aquelas que se tem mais afinidade, e não com todas participantes. A solidariedade é entendida por elas como ajuda mútua, o não individualismo, como afirma uma delas: “É deixar de pensar em si, é pensar em todos” (Hortência). Esta visão vai de encontro com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), ao afirmar que a solidariedade é um princípio que parte de uma preocupação com outros associados/as, com a sociedade, com o meio ambiente, com o desenvolvimento sustentável.

No que se refere ao **empreendimento informal de mulheres**, durante as avaliações ocorridas em dezembro de 2015 e 2016, todas afirmaram considerar importante a continuidade do grupo, com suas atividades específicas para elas. Com relação às entrevistadas, todas argumentaram como algo muito positivo, seguem algumas de suas opiniões: *É uma organização de fortalecimento das mulheres* (Hortência); *Porque quando a gente se reúne, tira dúvidas. É uma maneira de sair da rotina, porque somos muito presas, algumas até algumas perderam a timidez para falar - risos* (Íris); *Esse grupo só tem me ajudado. Me ajudou a sair da depressão, quando eu estava num momento muito difícil, e daí passei a me entrosar mais com as mulheres. Elas me ajudaram bastante. Sempre agradeço isso a elas* (Frésia).

Neste sentido, nota-se que essa experiência tem sido importante a partir das trocas de experiências, superação de depressão, momentos de lazer, desenvolvimento pessoal, e até mesmo no

sentido de apoiar e incentivar o espírito cooperativista. Assim, os estudos de Mirian Nobre (2003) corroboram com os resultados encontrados, ao afirmar que a visibilidade das mulheres, a partir de experimentos e comprovações da iniciativa REPEM (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e Caribe) trazem aspectos positivos, fortalecem como protagonistas e contribui para problematizar o papel da mulher na sociedade.

A ser indagadas acerca **dos maiores desafios vivenciados pelo grupo**, a falta de compromisso e participação foram mencionados por todas, e algumas ainda expuseram a existência de focos dentro do próprio grupo, não tendo o espírito de união, mas sim de disputa. Contudo, uma delas comenta: *É fácil a gente reclamar da falta de compromisso, mas fazer e tomar a iniciativa é outra história* (Frésia). Dessa forma, faz-se necessário buscar estratégias de fortalecimento do espírito coletivista visando superar esses desafios.

Ao discutir os desafios que as mulheres percebem enquanto coletivo, nas buscas de seus direitos sociais, Cynthia Miranda e Milena Barroso (2015) afirmam que as iniciativas de políticas estaduais e municipais que reduzam as desigualdades na Região Norte no Brasil são raras, executando apenas as de cunho do Governo Federal.

Possíveis contribuições para o Desenvolvimento Local

Para Francisco Albuquerque e Tania Zapata (2010) o desenvolvimento local se refere a uma visão integrada das questões sociais, ambientais e econômicas. Sérgio Buarque (1999) acrescenta outro aspecto do desenvolvimento local, na implicação de articulação entre diversos atores e esferas de poder, seja a sociedade civil, as organizações não governamentais, as instituições privadas e políticas, e o próprio governo. Cada um dos atores tem seu papel para contribuir com o desenvolvimento local, e este deve ser entendido levando-se em conta os aspectos locais, aspectos estes que têm significado em um território específico (BUARQUE, 1999).

Assim, quando perguntadas sobre as possíveis contribuições do grupo de mulheres para o desenvolvimento da região, a maioria afirmou que, a partir do momento que promovem eventos, trazem novidades acerca da culinária a base do pescado, incentivam o consumo do peixe, fazem com que as mulheres do grupo gerem renda e o dinheiro circule dentro da cidade, elas se sentem parte deste desenvolvimento. Assim, para Francisco Albuquerque e Tania Zapata (2010), as estratégias para o desenvolvimento local têm como objetivo primordial a orientação de utilização dos recursos endógenos e a diversificação dos produtos de origem local, mediante a introdução de inovações-

fundamentadas na qualidade e na distinção de produtos e processos produtivos, adaptações sociais e institucionais, além de inovações na gestão do empreendimento.

Neste sentido, as experiências são vivenciadas de forma positiva, e tem contribuído para que as mesmas possam se reunir, confraternizar, trocar experiências, elaborar estratégias de desenvolvimento do grupo. Dessa forma, é necessário considerar que: as relações de gênero perpassam todos os aspectos citados; que as mulheres são protagonistas do desenvolvimento local; compreender suas historicidades; e perceber a Economia Solidária como um espaço privilegiado para analisarmos as práticas e desafios vivenciados por elas.

Diante deste estudo pode-se concluir que, as participações das mulheres em eventos, feiras, seminários, possibilitam conhecer novas pessoas, sair da rotina, conhecer novas experiências e compartilhar/refletir acerca do andamento e planos com o grupo. O empreendimento informal também possibilita para que as participantes (re) conheçam seus direitos, se tornem sujeitos críticos, percebam as condições de desigualdades na qual estão inseridas na sociedade, e juntas possam pensar em formas de minimizar algumas dificuldades- aspectos estes fundamental para a transformação social.

Dessa forma, este artigo possibilitou contribuir com a visibilidade de uma organização informal de mulheres enquanto empreendimento solidário, levantando experiências, informações e discussões, desafios e alternativas a serem aprofundadas, a fim de possibilitar uma visão crítica e holística da realidade. Além de enfatizar a importância deste estudo numa realidade fundamentada na busca da organização coletiva, por meio do trabalho associado.

As considerações finais sinalizam que, mesmo que as atividades ainda sejam incipientes para que se promova um desenvolvimento local, importantes passos e ações já foram iniciados a fim de mobilizar, cooperar e fortalecer um grupo de mulheres protagonistas em seu território. E para isso, o apoio do órgão de Assistência Técnica e Extensão Rural têm contribuído significativamente para o desenvolvimento do grupo, e para um olhar crítico da realidade. Contudo, ainda é necessário continuar e enfatizar suas ações em conjunto; fortalecer enquanto grupo, e enquanto mulheres; Incentivar o desenvolvimento local numa perspectiva de gênero concebendo a importância delas nesse processo; e incorporar o olhar da economia feminista para o grupo, a fim de contribuir para uma visão crítica e humanística.

Referências

- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, 2005.
- FARIA, Nalu. **Mulheres rurais na economia solidária**. IN: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (ORG). Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. 192 p.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- MENDES. Soraya H. de Araújo. **(In)visibilidade das mulheres na pesca artesanal: Uma análise sobre as questões de gênero na colônia de pescadores e pescadoras z-16 em Miracema do Tocantins/TO**. Palmas, TO, 81f. Dissertação de Mestrado Acadêmico. Universidade Federal do Tocantins. Campus Universitário de Palmas- Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, 2016. Orientadora: Temis Gomes Parente e Coorientador: Antônio José Pedroso Neto.
- MIRANDA. Cynthia Mara. BARROSO, Milena Fernandes. **Desenvolvimento regional na perspectiva de gênero na região norte brasileira: limites e possibilidades**. IN: Gênero, Desenvolvimento e Território: *novas semânticas e antigas práticas*. Organizado por Cynthia Mara Miranda; Denyse Côté; Milena Fernandes Barroso; Marcos André Ferreira Estácio. Manaus: Editora Valer, UEA Edições, 2015. p.. 310. ISBN 978-85-7512-798-8
- NOBRE, Miriam. **Mulheres na Economia Solidária**. 2003. Disponível em: <<http://sof2.tempsite.ws/wp-content/uploads/2015/07/MULHERES-NA-ECONOMIA-SOLIDARIA-Miriam-Nobre.pdf>>. Publicado em A Outra Economia organizado por Antonio Cattani. Editora Veraz e Unitrabalho, Porto Alegre, janeiro de 2003.
- SARDENBERG, Cecília; MACEDO, Márcia. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. In: Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais. Rodrigues, Alexnaldo T.; VANIN, Iole M.; COSTA, Ana A. Alcantara (org). Salvador: NEIM/FFCH/UFBA, 2008.
- UCHÔA. Raquel F. Aragão; Faria, Maurício Sarda; MACIEL, Michelle C. R.; SILVA, Karla M. Cordeiro. **Segurança Alimentar e Economia Solidária como estratégias de desenvolvimento no CONSAD/ITAMBÉ PE**. SILVA, Maria Zênia (ORG). Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Recife: EDUPE, 2012.

Solidarity Economy and gender: looks at Local Development in the cities of Miracema do Tocantins and Tocantínia

Abstract: The article seeks to analyze the principles of Solidarity Economy perceived and experienced by a group of women as a possible contribution to local development. As a result of an applied, explanatory and qualitative research, the study also had technical procedures for bibliographical revision and application of semi structured interviews with women (majority of fishermen) of the joint venture of the "Guerrero Fishmongers of COPEMITO", a group originated from the Associação Colônia of Fishermen Crafts Professionals Z-16 of Miracema and Tocantínia-TO- COPEMITO. The study brings a historical rescue of the construction of the solidarity enterprise, the discussions and activities carried out, and points out the main challenges perceived by women. The research indicated that the social organization, based on the principles of Solidarity Economy, strengthens the group and brings to and among the participants: trust, respect, solidarity, democratic decisions, challenges, valorization of the activities carried out by them. The final considerations indicate that, even if activities are still incipient to promote local development, important steps have already been taken to mobilize, cooperate and strengthen a group of women protagonists in their territory.

Keywords: Solidarity Economy; Local Development; Social Organization of Women.